

**VII CONGRESSO
NACIONAL DE PESQUISA
DE FEIJÃO**

**8 a 12 de setembro de 2002
Viçosa-MG**

RESUMOS EXPANDIDOS

Departamento de Fitotecnia
Universidade Federal de Viçosa
Viçosa-MG
2002

O FEIJÃO NO BRASIL NO PERÍODO DE 1984/85 A 1999/00: ASPECTOS CONJUNTURAIS

Lídia Pacheco Yokoyama¹

O feijão é um alimento básico para o brasileiro, chegando a representar um componente quase que obrigatório da dieta da população rural e urbana.

Este trabalho teve por objetivo realizar uma análise conjuntural da cultura do feijoeiro no Brasil, no período de 1984/85 a 1999/00, a partir de dados secundários obtidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Dependendo da região, o plantio é feito ao longo do ano, em três épocas. A primeira, também conhecida como safra das “águas”, ocorre de agosto a dezembro e concentra-se mais nos estados da Região Sul; a segunda safra, ou da “seca”, abrange todos os estados brasileiros e ocorre de janeiro a abril; a terceira safra, ou de “inverno”, concentra-se na região tropical e é realizada de maio até julho ou agosto, dependendo do estado. Desta forma, durante todo o ano, em alguma região do País sempre haverá produção de feijão, o que contribui para a melhoria do abastecimento interno.

No período de 1984/85 a 1999/00, a área plantada no Brasil vem diminuindo gradativamente, de 5.317,1 mil hectares, em 1984/85, passou para 4.302,2 mil hectares, em 1999/2000, o que representou uma diminuição de 19,1%. A análise dos dados de produção, referentes a esse mesmo período, já indicou um aumento (17,9%), pois, em 1984/85, foram produzidas 2.548,4 toneladas, enquanto em 1999/2000, 3.005,6 mil toneladas. A produtividade apresentou um crescimento significativo (45,8%), de 479 kg ha⁻¹ passou para 699 kg ha⁻¹.

Ao analisar a produção nacional, por safra, no período de 1984/85 a 1999/2000, constata-se que os dados da primeira safra, ou das “águas”, tiveram uma redução da ordem de 12,4% quanto à área plantada (de 2.849,5 mil hectares passou para 2.497,6 mil hectares). No que se refere à produção, houve um aumento de 16,9% (de 1.459,4 mil toneladas para 1.705,8 mil toneladas) e a produtividade passou de 512 kg ha⁻¹ para 683 kg ha⁻¹ (33,4%). A colheita dessa safra está concentrada entre dezembro e março.

A segunda safra ou da “seca”, se, por um lado, apresentou índice expressivo de diminuição na área plantada (28,5%), por outro, mostrou elevado aumento na produção (10,2%) e na produtividade (54,2%). A colheita dessa

¹Pesquisadora, M.Sc., Embrapa Arroz e Feijão. Rodovia Goiânia a Nova Veneza, km 12, 75375-000 Santo Antônio de Goiás, GO. E-mail: lidia@cnpaf.embrapa.br.

safras ocorre entre abril e agosto.

Quanto à terceira safra ou de “inverno”, os índices no período de 1984/1985 a 1999/2000 foram bastante diferentes dos da primeira e segunda safras, verificando-se aumentos de 14,4% da área plantada, 126,5% da produção e 98% da produtividade.

Em geral, a produção dessa safra é colocada no mercado entre agosto e outubro. Cabe destacar que, diferentemente do que ocorre na estrutura produtiva tradicional, conduzida com baixo nível tecnológico e em pequenas propriedades, nessa safra predominam os cultivos irrigados por aspersão, geralmente conduzidos em grandes áreas e com o emprego de tecnologias sofisticadas, o que explica, assim, os altos índices de produtividade obtidos. A produção de feijão na terceira safra foi introduzida na década de 80, e vêm ocupando gradualmente maior espaço entre os produtores mais profissionalizados dos Estados da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

Em nível regional, a produção nacional de feijão, baseando-se em dados da safra de 1999/2000, apresentou os seguintes índices: Região Sul 38,1%, Região Nordeste 28,2%, Região Sudeste 21,4%, Região Centro-Oeste 8,5% e Região Norte apenas 3,8%.

Analisando em termos de safra, em 1999/2000, na primeira safra a região Sul apresentou 38,8% da produção total, vindo a seguir as regiões Nordeste (35,8%), Sudeste (17,9%), Centro-Oeste (7,4%) e Norte (0,1%). Na segunda safra, a maior região produtora foi o Nordeste com 48,3% da produção, Região Sudeste 20,5%, Região Sul (16,5%), Região Norte 10,2% e a Região Centro-Oeste 4,5%. Vale lembrar que a maior parte da produção do Nordeste nessa safra é do feijão caupi. A terceira safra é cultivada em apenas três regiões, sendo elas a Região Sudeste (57,7%), Centro-Oeste (40,7%) e Sul (1,6%).

Em termos estaduais, por ordem decrescente, os cinco maiores produtores de feijão da primeira safra foram: Paraná, Bahia, Minas Gerais, Ceará e Santa Catarina; na segunda safra foram: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco e Paraná; e a na terceira safra foram: Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Distrito Federal, também tomando por base os dados da safra de 1999/2000.

O consumo *per capita* do feijão sofreu grandes oscilações no período analisado. Em 1989, o consumo *per capita* foi de 16,2 kg hab⁻¹ ano⁻¹; em 1990, caiu para 14,5 kg hab⁻¹ ano⁻¹; em 1995, aumentou para 18,9 kg hab⁻¹ ano⁻¹; e em 1998 diminuiu para 13,8 kg hab⁻¹ ano⁻¹. Não há, contudo, perspectiva de que o consumo retorne aos patamares da década de 70, o qual chegou a alcançar 23-24 kg hab⁻¹ ano⁻¹. A redução no consumo *per capita* pode ser atribuída a vários fatores: a) A substituição do feijão por outros alimentos, como o frango e o macarrão, e admitida como fato consolidado, devido, principalmente, ao preço

desses produtos; b) Mudança do hábito alimentar advinda da nova situação vivenciada pela mulher brasileira que, exercendo uma função fora do lar, não mais dispõe de tempo para aguardar a cocção do feijão; c) O êxodo rural para os grandes centros urbanos, com perda do poder aquisitivo, tem contribuído também para a mudança do hábito alimentar; e d) A criação dos self services que oferecem grande variedade de pratos contribuindo para a diminuição do consumo do feijão.

Alguns aspectos de qualidade do produto são muito importantes para os consumidores, destacando o sabor e o aspecto do produto. Quanto ao tipo, o feijão carioca domina o mercado, mas há nichos de mercados para outros tipos de feijões. Pode-se dizer ainda que, consumidores de renda mais alta têm claramente suas preferências por outros tipos de feijão, talvez haja um mercado potencial para feijão com qualidades especiais, como por exemplo com maior teor de fibra, ou mesmo para produtos industrializados.

Considerando que o feijão é uma das fontes de proteínas mais baratas e o principal alimento em algumas regiões do País, e que as estatísticas mostram declínio do consumo *per capita*, conclui-se que, no período de 1984/85 a 1999/00, não houve melhoria no padrão de vida da população brasileira, no que se refere à alimentação (Tabela 1).

O mercado de feijão é muito instável, sofrendo grande interferência de atuações informais de “atravessadores” na sua comercialização. O consumo, por sua vez, está inter-relacionado com o volume colhido no ano, pois o produto deve ser comercializado no mercado interno logo após a sua colheita e, preferencialmente, dentro da safra, pois é muito suscetível ao escurecimento rápido do tegumento devido ao envelhecimento, o que deprecia o valor comercial. Quando armazenado por mais de dois meses, sobretudo as cultivares de tipo “carioca”, os grãos sofrem mudanças na coloração, e passam a ser menos aceitos devido a sua difícil cocção.

São Paulo, um dos principais centros consumidores e formadores de preços, comercializa cerca de 30 mil sacas de 60 kg/dia, influenciando diretamente na formação dos preços no resto do país. Cerca de 90% do produto comercializado é constituído por cultivares do tipo “carioca” (popularmente denominado de carioquinha), proveniente de todas as regiões produtoras.

Apesar do mercado de feijão ser instável, é uma cultura que, conduzida com profissionalismo, tendo em mente três pontos chaves, tais como: *produtividade, qualidade e competitividade*, sem dúvida alguma o produtor conseguirá sustentabilidade para se manter no mercado. A melhoria do sistema de comercialização de feijão no Brasil poderá ser efetivada mediante maior organização dos produtores, maior difusão das informações de mercado e ainda o desenvolvimento das bolsas de cereais. Os pequenos produtores poderão

aumentar a sua lucratividade organizando-se em cooperativas ou associações.

Tabela 1. Oferta e demanda de feijão no Brasil, 1985-2002 (em 1000 t).

Ano Safra	Oferta				Demanda				Consumo <i>Per capita</i>
	Est. Inicial	Produção	Import.	Suprim. total	Consumo Aparente	Consumo total	Export.	Est. Final	
1985	114,3	2534,7	15,3	2664,3	2.085,8	2366,8	9,7	287,8	15,8
1986	287,8	2350,1	95,0	2732,9	2.093,1	2400,0	4,6	328,3	15,5
1987	328,3	2108,3	35,0	2471,6	2.001,3	2300,0	3,9	167,7	14,6
1988	167,7	2753,0	10,0	2930,7	2.346,8	2662,4	3,0	265,3	16,8
1989	265,3	2367,2	25,0	2657,5	2.300,1	2580,7	0,0	76,8	16,2
1990	76,8	2339,8	70,3	2486,9	2.104,0	2370,7	0,0	116,2	14,5
1991	116,2	2806,2	88,6	3011,0	2.333,8	2638,2	0,0	372,8	15,9
1992	372,8	2902,5	57,7	3333,0	2.489,2	2795,6	0,0	537,4	16,7
1993	537,4	2379,1	54,9	2971,4	2.568,2	2771,8	0,0	199,6	16,9
1994	199,6	3244,1	156,4	3600,1	2.867,7	3200,0	0,0	400,1	18,7
1995	400,1	3157,8	189,5	3747,4	2.939,2	3300,0	0,0	447,4	18,9
1996	447,4	2992,5	160,1	3600,0	2.939,5	3250,0	0,0	350,0	18,6
1997	350,0	2914,8	157,4	3422,2	2.867,8	3200,0	4,0	218,2	18,0
1998	218,2	2206,3	189,7	2614,2	2.249,0	2500,0	1,1	113,1	13,9
1999	113,1	2895,7	90,0	3098,8	2.625,5	2950,0	2,0	146,8	16,0
2000	146,8	3098,0	77,7	3322,5	2.575,5	2900,0	2,0	420,5	15,5
2001	420,5	2587,1	128,9	3136,5	2.501,5	2800,0	2,0	334,5	14,9
2002*	334,5	3256,0	100,0	3690,5	2575,5	2900,0	2,0	788,5	15,1

*Estimativa.

Fonte: Conab., internet: www.conab.gov.br 23.04.2002, 9:50 horas.